A (NOSSA) LÍNGUA INGLESA DE CADA DIA NOS DÊ HOJE

Rúbia Garcia de Paula (UEG)[1]
Luciana Paula Rosa (UEG)[2]

(RC 2) – Ensino e aprendizagem de línguas estrangeiras

Resumo
Este trabalho, elaborado ao final da disciplina Inglês II, do curso de Letras – Língua Portuguesa, Língua Inglesa e suas Respectivas Literaturas, da Universidade Estadual de Goiás, Câmpus Inhumas, ministrada pela professora Luciana Paula Rosa, objetiva explanar, de forma geral, os conhecimentos a respeito do processo de aquisição da linguagem como forma de compreensão do ensino e aprendizagem da língua inglesa. Assunto relevante quando se trata de formação de professores, por oferecer sustentação teórica e mediar um saber-fazer em processo de construção, já que docentes e discentes não possuem o idioma inglês como língua materna, por conseguinte, não estão imersos natural e cotidianamente nas possibilidades práticas de comunicação oferecidas pela língua, como estão na língua portuguesa. Portanto, inteligir todo esse processo é de salutar importância para a constituição do saber ser professor de línguas, i. e., chegar à compreensão de que durante o ensino e a aprendizagem os alunos precisarão ser expostos à situações de fala diversas, que atinjam inteligências plurais. Destarte, o artigo traz em seu bojo uma breve explanação sobre língua e linguagem nos processos comunicativos, aborda, superficialmente, as teorias de aquisição da primeira língua e estratégias de aquisição do inglês como segunda língua, tais como, a mediação cultural. Traça, por sua vez, um recorte pelo viés da Linguística a fim de apontar o papel da Linguística Aplicada na sociedade quanto à aprendizagem da língua inglesa no âmbito da segunda língua, tendo por foco o uso real e dinâmico desta. O método de desenvolvimento do trabalho é de natureza qualitativa, e a modalidade de pesquisa bibliográfica, recaindo substancialmente sobre três artigos científicos, dos seguintes autores: Figueiredo (2002), Paiva (2007) e Paula (2012).

Palavras-chave: Ensino e aprendizagem. Língua. Linguagem. Língua Inglesa.

[1] Pós-graduada em Docência Universitária na Universidade Estadual de Goiás, Câmpus Inhumas. Bacharela em Direito pela Universidade Federal de Goiás, Câmpus Cidade de Goiás e Discente de Letras. rubia.rgp@gmail.com

[2] Mestre em estudo linguísticos pela Universidade Federal de Goiás, graduada em Letras Português-Inglês pela Universidade Federal de Goiás, docente na Universidade Estadual de Goiás, Câmpus Inhumas. lucianapaul@yahoo.com

INTRODUÇÃO

Ao repisar quatro linguistas em diferentes abordagens da matéria que se esmiúça neste trabalho, qual seja, a aprendizagem do Inglês como segunda língua, serão primeiramente apresentadas considerações a respeito da linguagem como molde do pensamento, e da língua como forma de expressão da linguagem.

A partir daí, explana-se rapidamente sobre a forma de aquisição da língua materna, ou primeira língua, pelas teorias ora apresentadas; bem como a aquisição da segunda língua, enfatizando a prática de aquisição e aprendizagem prática da língua inglesa.

Por fim, retoma-se à linguística como ciência que investiga a linguagem humana, enfatizando a definição da linguística aplicada e o papel desta tanto no que concerne ao estudo da língua materna, quanto no que se refere à aprendizagem da língua inglesa.

O aporte teórico recai sobre os seguintes autores: Francisco José Quaresma Figueiredo (2002), *Da primeira à segunda língua: algumas teorias linguísticas*; Edward Lopes (1995), *Fundamentos da Linguística Contemporânea*; Vera Lúcia Menezes e Paiva (2007), *Refletindo sobre estilos, inteligências múltiplas e estratégias de aprendizagem*; Charlene S. M. Meneses de Paula (2012), *Linguística Aplicada: Definições e Desafios*.

Língua e linguagem

Constitui consenso entre os estudiosos que o ser humano é o único animal capaz de se comunicar através da linguagem, pela qual, ensina Francisco José Quaresma Figueiredo: "possa pensar, refletir, exprimir-se, interagindo com os outros homens e com o que há a sua volta, tornando-se, pois, diferente dos outros seres vivos" (2002, p. 15).

Portanto, a linguagem precede o pensamento e todos os desdobramentos dele advindos. Precede, inclusive, a criação humana nas mais diversas e abrangentes áreas do conhecimento, *e.g.* a química, a física, a aeronáutica, e, por que não, a própria compreensão das línguas, pelas quais a linguagem pode se expressar de diferentes formas – dependendo, por exemplo, da grafia, dos fonemas, da gramática e do vocabulário exigidos.

Figueiredo (2002, p. 15) traça uma linha histórica entre as definições de língua pelos

seguintes filósofos e linguistas: Saussure, para quem a língua é a parte social da linguagem; Chomsky, ao qual língua é a competência do falante; Bakhtin, para quem a língua é processo de interação verbal e evolui ininterruptamente. A partir daí, conclui: "língua é o conjunto das palavras e expressões usadas por um povo e o conjunto de regras da sua gramática, que é concretizada pelo discurso de seus falantes, por meio da interação entre eles" (FIGUEIREDO, 2002, p. 15).

Destarte, a linguagem é algo mais genérico e faz com que o pensamento tome forma ou consistência; enquanto a língua é algo mais específico e depende de constituições reciprocamente codificadas pelos falantes, de acordo com o grupo social a que ele está inserido.

É possível dividir a linguagem em verbal e não verbal. Linguagem não verbal seria a dança, a pintura, a escultura, os gestos etc. Enquanto a linguagem verbal seria representada pelas línguas naturais - ou primeira língua, ou língua materna -, *v.g.* o Português, o Francês, o Inglês.

Depreende-se do que se explanou *retro*, que sobre a linguagem verbal recai a linguística, mas esta será pormenorizada em momento posterior. Por vezes, passa-se à forma de aquisição da primeira língua.

Teorias sobre a aquisição da língua materna

A língua materna, também chamada primeira língua, corresponde à língua dos naturais de um país com a qual há o primeiro contato e a absorção natural pelo falante. Sobre a aquisição da língua natural, aqui entendida como o português, o francês, o inglês etc., leciona Edward Lopes (1995, p. 16):

> Internalizada como mecanismo de primeira sociabilização no psiquismo de cada indivíduo na fase da sua aprendizagem, a língua natural carrega consigo os valores da sociedade de que o indivíduo é membro; assim, ao aprender a língua do seu grupo, cada indivíduo assimila também a sua ideologia.

Em “Da primeira à segunda língua: algumas teorias lingüísticas” (p. 16-24), Figueiredo elenca três teorias para explicar a aquisição da língua materna pelas crianças.

A primeira teoria é o behaviorismo que, segundo ele, vigorou até os anos 60, sobretudo, com Bloomfield – em *Language*, 1933 –, e Skinner – 1957. Para Bloomfield, a língua materna é adquirida através de estímulo e resposta, ou seja, ela não é mental, mas comportamental, em que “o comportamento verbal da criança é *condicionado* até que o hábito coincida com o modelo dos adultos”. Para Skinner, adquire-se a primeira língua pelo reforço, assim: “a criança aprende a nomear as coisas corretamente devido ao reforço que recebe para fazê-lo”. Portanto, o behaviorismo baseia-se na experiência. (FIGUEIREDO, 2002, p. 16-17)

A segunda teoria é o inatismo, desenvolvido por Chomsky em 1959. Combatendo o behaviorismo – sem negar, entretanto, a aprendizagem também pela experiência –, ele afirmou que a criança já nasce com uma predisposição para adquirir a língua, ou seja, a capacidade lingüística é inata. Assim, Figueiredo (2002, p. 20):

> Segundo a abordagem inatista, a aquisição da língua materna é um processo de construção teórico pelo qual as crianças formulam hipóteses sobre as regras que governam a estrutura linguística das sentenças que elas ouvem, testam essas hipóteses que são contrárias às evidências, e interpretam as que não são eliminadas por um princípio de simplificação, que seleciona a mais simples como a melhor hipótese sobre as regras que governam a sua língua.

Entretanto, Chomsky faz uma leitura estática da língua, o que foi contestado por Labov, 1966, que considerou também os elementos sociais, isto é, as variações da fala, pois estas determinariam a posição do falante na sociedade, surgindo, então, a noção de “competência linguística”. A partir daí nasceu a sociolinguística, com posteriores contribuições de Hymes, 1967, quando apontou a “competência comunicativa”. Versa mais uma vez Figueiredo (2002, p. 23):

> Dessa forma, ao adquirir a primeira língua, as crianças desenvolvem uma competência linguística – o conhecimento de regras fonológicas, morfossintáticas e semânticas -, assim como uma competência comunicativa – o uso adequado da língua em diferentes situações.

A terceira teoria, o sociointeracionismo, pela qual Vygostsky, 1991, entende que há não só o inatismo, mas também uma interdependência entre aprendizagem e desenvolvimento, considerando-se as influências socioculturais. Portanto, a aquisição da língua materna perpassa interações nos diferentes recôncavos sociolinguísticos onde as crianças se inserem. A partir daí, Bakhtin considerou "a língua como criação coletiva". (FIGUEIREDO, 2002, p. 23-24)

Diante do exposto, observa-se que os estudiosos atuais tendem a considerar os pontos positivos de cada teoria apresentada, afastando os negativos, no que concerne à aquisição da primeira língua pelas crianças, porquanto todos os teóricos, de certa forma, contribuíram significativamente a tal estudo, que tende a considerar as relações humanas e sociais.

Retomando Edward Lopes sobre a pluralidade das línguas naturais, na obra *Fundamentos da Linguística Contemporânea* (1995, p. 22):

> as línguas naturais não são um decalque nem uma rotulação da realidade; elas delimitam aspectos de experiências vividas por cada povo, e estas experiências, como as línguas, não coincidem, necessariamente, de uma região para outra. O indivíduo que guia um automóvel é chamado, em francês, de *chauffeur*, em espanhol de *condutor*, em inglês de *driver*, em português de motorista. [...] Trata-se de uma mesma atividade, mas a análise que cada língua pratica dessa realidade resulta na apreensão de um aspecto particular de uma série de operações, e esse aspecto focalizado difere de uma para outra comunidade de falantes.

Nesse sentido, atenta-se no próximo tópico para o ensino do inglês como segunda língua, e todos os desdobramentos advindos desse sistema linguístico que se difere do contexto social da língua materna brasileira, o português.

Segunda língua na sala de aula: o inglês

Basta observar o mundo ao redor para o ser humano perceber que há vários tipos de pessoas, e esta pluralidade se relaciona com a aquisição do conhecimento também de formas

diferentes. Nessa seara, Vera Lúcia Menezes de Oliveira Paiva: "As pessoas têm estilos diferentes de aprendizagem. Não há uma pessoa igual à outra. As preferências de cada aprendiz não são exatamente as mesmas, mas isto não quer dizer que sejam melhores ou piores" (2007, p. 11).

No que tange à aquisição ou aprendizado de uma segunda língua, as pluralidades de pessoas são fatores relevantes, porém, Figueiredo cita outros fatores que a este se somam, como "as oportunidades para a aprendizagem e a motivação para aprender" (2002, p. 26). Quanto aos termos "aquisição" ou "aprendizado", ensina Figueiredo (2002, p. 30-31):

> a aquisição de L1 ocorre em um ambiente informal, sendo um processo inconsciente, automático e que não requer correção de erros. Em contrapartida, a aprendizagem de L2 é um processo consciente, controlado e auxiliado pela correção de erros, e ocorre em um ambiente formal (a sala de aula). MacLaughlin (1987) nos adverte, entretanto, que a distinção entre a aquisição e a aprendizagem é algo não tão definido [...] mesmo num ambiente formal como a sala de aula, o aprendiz poderá estar fazendo uso de processos inconscientes quando está produzindo L2.

Afirma, ainda, o citado autor que, para o estudo sobre a aquisição de uma segunda língua, estudiosos baseiam-se também no estudo de aquisição da língua materna, estabelecendo pontos assemelhados e divergentes. Portanto elenca "a idade, as diferenças entre as línguas, a interferência de uma língua na outra e a ordem de aquisição dos morfemas" (2002, p. 25) como pontos mais comumente recorridos pelos pesquisadores a fim de traçar tais semelhanças ou divergências.

Desta feita, há quem defenda que a criança aprenda outra língua com mais facilidade do que o adolescente ou o adulto, há quem refute fundamentadamente essa ideia. Há quem aponte semelhanças e diferenças nas origens das línguas como elemento que ora facilita, ora dificulta a aprendizagem da segunda língua, há quem veja esse um fator irrelevante porque o que está em jogo é a forma de ensino das línguas. Há quem atribua a maior quantidade de erros ao adquirir a segunda língua devido à interferência da língua materna, há quem minimize de forma insignificante essa possibilidade de erros. Há quem comungue o pensamento sobre o qual alguns morfemas em certas línguas são adquiridos mais cedo do que

Anais da XV ENFOPLE. Inhumas: UEG, 2019.
ISSN 2526-2750

em outras, há quem afirme ser a aquisição dos morfemas invariável entre todas elas. (FIGUEIREDO, p. 25-28)

Outrossim, Figueiredo apresenta, entre as páginas 31 a 40 da obra "Aprendendo com os erros: uma perspectiva de ensino de línguas", algumas teorias sobre aquisição e aprendizagem da segunda língua, quais sejam: "Teoria da aculturação/'pidginização'"; "Teoria dos universais linguísticos"; "Teoria da interlíngua"; "Teoria do discurso"; "Teoria do behaviorista" e "Teoria do monitor". No entanto, não obstante a importância destas teorias, pela extensão do assunto, faz-se aqui um recorte à prática da sala de aula, adentrando em estratégias de aprendizagem, conforme Paiva, em "Refletindo sobre estilos, inteligências múltiplas e estratégias de aprendizagem" (2007). Nesse sentido, a autora ensina:

> No que se refere à cognição, podemos dividir os aprendizes em 2 tipos básicos: Tipo 1: aprende passo a passo, gosta de ver o conteúdo em uma sequência e de analisar os fatos. Aprende melhor de forma individual. Tipo 2: aprende de forma global, de forma contextualizada e intuitiva. Gosta de interagir com os outros e de experiências concretas. (PAIVA, 2007, p. 12)

Destaca-se aqui o fato de ser necessário atender à demanda plural de aprendizagem na sala de aula, porquanto as atividades precisam ser diversificadas a fim de incentivar o desenvolvimento de todos, contemplando os diferentes estilos cognitivos.

Portanto, Paiva (2007, p. 13) aconselha que o professor dialogue com os alunos, de maneira reflexiva, sobre essas diferentes formas de aprendizagem, a fim de que estabeleçam as estratégias a serem utilizadas. Define a autora:

> Estratégias de aprendizagem são ações, geralmente conscientes, que o aprendiz utiliza para ampliar sua aprendizagem. As estratégias são usadas para memorizar vocabulário e estruturas linguísticas, para organizar a aprendizagem, para usar e analisar a língua. (PAIVA, 2007, p. 18)

Assim, ela apresenta uma lista ou questionário de estratégias diretas: (relacionadas ao ato de aprender: estratégia de memória, cognitivas e de compreensão) e indiretas (ligam-se ao plano de trabalho para a aprendizagem) a fim de que sejam identificadas, tanto pelos

professores quanto pelos alunos, quais são as utilizadas "para continuar a aprender inglês". (PAIVA, 2007, p. 18)

A partir daí, é possível esclarecer que há estratégias aptas a certos tipos de alunos, mas não a outros, sendo importante que cada aprendiz observe as mais adequadas ao próprio estilo. Então, sugere, dentre outras atividades, que, utilizando estas estratégias delimitadas, façam uma atividade referente ao vocabulário: listar no supermercado produtos referentes à beleza e à limpeza, "cujos nomes ou marcas sejam em inglês" (PAIVA, 2007, p. 23). Ao final, sugere uma atividade interdisciplinar que envolva professores de artes, história, geografia, matemática, português etc. a fim de desenvolverem um projeto, por exemplo, "O inglês no Brasil e no mundo" (PAIVA, 2007, p. 24), pois comunga a autora do pensamento segundo o qual conhecimentos devem servir não apenas ao preenchimento de provas, mas também à aplicação em projetos.

Nota-se que essa forma de aprendizagem proposta, além de eliminar a noção fracionária ou segmentada do próprio conhecimento, ricochetando de forma interativa e interdisciplinar; também é democrática, estreita os laços entre professores e alunos e os torna igualmente responsáveis pela aprendizagem do inglês como segunda língua, pois ressignifica a visão de professor-transmissor do conhecimento, tornando-o professor-mediador em língua inglesa. Isso é extremamente relevante, tendo em vista que, de acordo com Paiva (2007, p. 34), para aprender uma segunda língua em sala de aula o tempo médio é de 8 ou 10 anos de estudo contínuo, portanto, a "autonomia" do aprendiz em relação ao professor faz total diferença na aprendizagem do inglês.

Outra questão tangente à aprendizagem da segunda língua refere-se à mudança de foco da "gramática" e do "vocabulário" para a "comunicação", assim, argumenta Paiva: "Uma língua é usada para, entre muitas outras coisas, comunicar ideias e sentimentos, permitindo aos seus falantes participação social e cultural" (2007, p. 31).

Desta forma, num mundo globalizado em que o inglês cada vez mais se destaca no cenário mundial, é bem possível o aprendizado de tal língua pelo olhar geral da cultura dos falantes nativos, seja assistindo a filmes ou seriados, seja ouvindo estações de rádio, seja lendo charges, ou revistas, ou letreiros de lojas e rótulos de produtos em geral, seja por meio

Anais da XV ENFOPLE. Inhumas: UEG, 2019.
ISSN 2526-2750

da literatura, seja pela linguagem dos códigos eletrônicos. Enfim, o professor de inglês precisa mediar o aluno no sentido de inteirá-lo com o mundo.

Trazendo à baila a discussão por outro viés, mas dentro do mesmo assunto, aí se consubstancia a importância da linguística aplicada no ensino das línguas, pois, segundo Lopes (1995, p. 24)

> nenhuma língua pode expressar, com inteira justeza, senão a sua própria cultura, e que ela falha, lamentavelmente, quando pretende traduzir a língua (e a cultura nela implícita) de outra sociedade. Cabe à Linguística, como ciência **interdisciplinar**, dar conta de tais fatos. (Grifou-se)

Destarte, dado esse papel elementar à Linguística, traça-se adiante algumas considerações acerca da matéria que, como visto, recai sobre a linguagem verbal, ou seja, sobre a palavra.

Linguística aplicada

Em sentido geral, Línguística é a parte da Semiótica que se atém a investigar apenas a linguagem verbal das sociedades humanas. Leciona Charlene S. M. Meneses de Paula que, ao se tornar ciência, a Linguística incorporou o sentido de "imutável, incontestável, feita, pronta e acabada" (2012, p. 34).

Porém, sabendo-se que o ser humano está em constante mutação, é de se esperar que a linguagem também se transforme, portanto, a Linguística Aplicada surge para afastar o caráter descritivo da língua, levando os linguistas a investigaram o seu uso real, nas infinitas transformações.

Assim, define Paula (2012, p. 43):

> Linguística Aplicada pode ser considerada o estudo da constituição de um homem social e político: seus anseios, problemas, inconstâncias, condutas, dos sentidos que constrói através das palavras e das manifestações que realiza por meio delas.

Portanto, essa definição se coaduna com o que foi desenvolvido no tópico anterior, ao

Anais da XV ENFOPLE. Inhumas: UEG, 2019.
ISSN 2526-2750

relacionar a aprendizagem da segunda língua, a língua inglesa, com a assimilação dos elementos sociais e culturais que a compõem, num saber-fazer constante, evitando a mera tradução de uma língua para outra.

A Linguística Aplicada, ao encarar a Linguística algo "interdisciplinar", como ensinou Lopes (1995, p. 24), ou "transdisciplinar", conforme defende Paula (2012, p. 36), torna evidente a atenção dada ao ser humano, que é socialmente constituído por várias faces do conhecimento – o que afeta sobremaneira a própria constituição da língua, e deve ser objeto de estudo.

Desta forma, a Linguística Aplicada apoia-se em outras esferas do saber tanto para ter aporte teórico de outras áreas, quanto para tentar solucionar os problemas linguísticos reais que são apontados, inclusive, por outras matérias senão as eminentemente linguísticas.

Aí se consubstancia a relevância social da Linguística Aplicada a fim de facilitar a aprendizagem do inglês como segunda língua, e também a aprendizagem da língua materna, vez que considera a língua um fato social.

Considerações finais

Por tudo o que se esmiuçou dos textos compulsados, claro está o papel da linguagem no estabelecimento das relações sociais entre os homens, linguagem esta que se verbaliza por meio da língua.

A aquisição da língua materna perpassa teorias que as explica, porém, o que fica constantemente em evidência é o cunho interativo e social deste processo, além do caráter econômico-cultural que deve ser levado em consideração.

Por isso mesmo, a aquisição da segunda língua também se tangencia por esse viés global, e deve ser incentivada na sala de aula conforme as estratégias de aprendizagem que atinjam a todos, sem exceção, ao mesmo tempo em que proporciona a emancipação do aluno na busca do conhecimento.

Por fim, sendo a língua (igualmente ao homem em sociedade) sujeita a transformações, a linguística aplicada muito bem representa o estudo da verbalização desta

área do conhecimento, sobretudo, pelo cunho interdisciplinar que a embasa. Podendo tanto embasar a aquisição da língua materna, quanto a aquisição/aprendizagem da segunda língua, pelo caráter real de ação no seio social. Daí se explica o título: "A (nossa) língua inglesa de todo dia nos dê hoje", pois, diante do exposto, conclui-se que o ensino do Inglês como segunda língua precisa ser contextualizado conforme a vivência diária do aluno seja ele falante do Português, do Francês, do Espanhol ou de qualquer outra língua materna.

REFERÊNCIAS

FIGUEIREDO, Francisco José Quaresma. Da primeira à segunda língua: algumas teorias linguísticas. In: _____ *Aprendendo com os erros: uma perspectiva comunicativa de ensino de línguas*. Goiânia: UFG, 2002. p. 15-43.

LOPES, Edward. *Fundamentos da Linguística Contemporânea*. São Paulo: Cultrix, 1995.

PAIVA, Vera Lúcia Menezes e. Refletindo sobre estilos, inteligências múltiplas e estratégias de aprendizagem. In: _____ org. *Práticas de Ensino e Aprendizagem de Inglês com Foco na Autonomia*. Campinas: Pontes, 2007.

PAULA, Charlene S. M. Meneses de. Linguística Aplicada: Definições e Desafios. In: ROSA, Luciana de Paula. *Linguística Aplicada: ensino de Línguas*. São Paulo: Baraúna, 2012. p. 30-45.